

Ler os CLÁSSICOS Hoje

NOVO
PROGRAMA

Metas
Curriculares
11.º ano

MARIA ALMIRA SOARES



OS MAIAS EÇA DE QUEIRÓS



Texto

Ler
os CLÁSSICOS
Hoje

MARIA ALMIRA SOARES

OS MAIAS
EÇA DE QUEIRÓS

ÍNDICE GERAL

APRESENTAÇÃO	5
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA	6
REALISMO	6
EÇA DE QUEIRÓS E O REALISMO PORTUGUÊS.....	8
BIOGRAFIA DE EÇA DE QUEIRÓS.....	9
OS MAIAS	11
IMPORTÂNCIA E VALOR LITERÁRIO DE <i>Os MAIAS</i>	11
CARACTERÍSTICAS DO TEXTO NARRATIVO.....	12
O ROMANCE	15
VISÃO GLOBAL DA OBRA E DA SUA ESTRUTURAÇÃO ...	30
EDUCAÇÃO LITERÁRIA – TEXTOS ESCOLHIDOS DE <i>OS MAIAS</i>	32
REPRESENTAÇÃO DE ESPAÇOS SOCIAIS E CRÍTICA DE COSTUMES.....	32
ESPAÇOS E SEU VALOR SIMBÓLICO E EMOTIVO.....	39
REPRESENTAÇÕES DO SENTIMENTO E DA PAIXÃO: DIVERSIFICAÇÃO DA INTRIGA AMOROSA.....	42
<i>Pedro da Maia</i>	42
<i>Carlos da Maia</i>	43
<i>Ega</i>	44
CARACTERÍSTICAS TRÁGICAS DOS PROTAGONISTAS....	48
<i>Afonso da Maia</i>	48
<i>Carlos da Maia</i>	48
<i>Maria Eduarda</i>	49
A DESCRIÇÃO DO REAL E O PAPEL DAS SENSações....	54
A DESCRIÇÃO DO REAL E O PAPEL DAS SENSações. LINGUAGEM, ESTILO E RECURSOS EXPRESSIVOS	59

É o subtítulo, com o seu carácter abrangentemente coletivo e com a sua referência à «vida», que indica uma das dimensões do romance:

- a de fresco caricatural da sociedade portuguesa nas últimas décadas do século XIX, crónica de costumes, em cujas páginas a vida social pulula e gesticula.

Por sua vez, o título refere a personagem central, a família que se desdobra por três gerações e age numa dimensão diferente: a dimensão das íntimas histórias sentimentais e das relações familiares.

A existência de um **título** e de um **subtítulo** encaminha-nos para a análise do modo como o romance está estruturado em dois planos que se inscrevem um no outro:

- a história da família, mormente de Carlos (**título**);
- a crónica social do Portugal oitocentista, persistentemente romântico (**subtítulo**).

Existe, entre estes dois planos, uma articulação coerente que inscreve os episódios da intriga familiar nos momentos político-sociais que o país atravessa:

- Afonso da Maia / tempo de lutas pela afirmação do Liberalismo;
- Pedro da Maia / ambiente de decadência ultrarromântica;
- Carlos da Maia / o constitucionalismo monárquico: a «Regeneração».

Claramente, a trajetória da família (anunciada no título) inscreve-se na evolução do Portugal romântico (referida no subtítulo).



EDUCAÇÃO LITERÁRIA – TEXTOS ESCOLHIDOS DE *OS MAIAS*²

REPRESENTAÇÃO DE ESPAÇOS SOCIAIS E CRÍTICA DE COSTUMES

❧ Texto ❧

A voz do Ega sibilava... Mas, vendo assim tratados de grotescos, de bestas, os homens de ordem que fazem prosperar os bancos, Cohen pousou a mão no braço do seu amigo e chamou-o ao bom senso. Evidentemente, ele era o primeiro a dizê-lo, em toda essa gente que figurava desde 46 havia medíocres e patetas – mas também homens de grande valor!

– Há talento, há saber – dizia ele com um tom de experiência. – Você deve reconhecê-lo, Ega... Você é muito exagerado! Não senhor, há talento, há saber.

E, lembrando-se que algumas dessas bestas eram amigos do Cohen, Ega reconheceu-lhes talento e saber. O Alencar, porém, cofiava sombriamente o bigode. Ultimamente pendia para ideias radicais, para a democracia humanitária de 1848: por instinto, vendo o romantismo desacreditado nas letras, refugiava-se no romantismo político, como num asilo paralelo: queria uma república governada por gênios, a fraternização dos povos, os Estados Unidos da Europa... Além disso, tinha longas queixas desses politicotes, agora gente do Poder, outrora seus camaradas de redação, de café e de batota...

– Isso – disse ele – lá a respeito de talento e de saber, histórias... Eu conheço-os bem, meu Cohen...

O Cohen acudiu:

– Não senhor, Alencar, não senhor! Você também é dos tais... Até lhe fica mal dizer isso... É exageração. Não senhor, há talento, há saber.

²Textos selecionados da edição de «LIVROS DO BRASIL», Lisboa (9.^a edição).

E o Alencar, perante esta intimação do Cohen, o respeitado diretor do Banco Nacional, o marido da divina Raquel, o dono dessa hospitaleira casa da Rua do Ferregial onde se jantava tão bem, recalçou o despeito – admitiu que não deixava de haver talento e saber. Então, tendo assim, pela influência do seu banco, dos belos olhos da sua mulher e da excelência do seu cozinheiro, chamado estes espíritos rebeldes ao respeito dos parlamentares e à veneração da Ordem, Cohen condescendeu em dizer, no tom mais suave da sua voz, que o país necessitava reformas...

Ega, porém, incorrigível nesse dia, soltou outra enormidade:

– Portugal não necessita reformas, Cohen, Portugal o que precisa é a invasão espanhola.

Alencar, patriota à antiga, indignou-se. O Cohen, com aquele sorriso indulgente de homem superior que lhe mostrava os bonitos dentes, viu ali apenas «um dos paradoxos do nosso Ega». Mas o Ega falava com seriedade, cheio de razões. Evidentemente, dizia ele, invasão não significa perda absoluta de independência. Um receio tão estúpido é digno só de uma sociedade tão estúpida como a do Primeiro de Dezembro. Não havia exemplo de seis milhões de habitantes serem engolidos, de um só trago, por um país que tem apenas quinze milhões de homens. Depois ninguém consentiria em deixar cair nas mãos de Espanha, nação militar e marítima, esta bela linha de costa de Portugal. Sem contar as alianças que teríamos a troco das colónias – das colónias que só nos servem, como a prata de família aos morgados arruinados, para ir empenhando em casos de crise... Não havia perigo; o que nos aconteceria, dada uma invasão, num momento de guerra europeia, seria levarmos uma sova tremenda, pagarmos uma grossa indemnização, perdermos uma ou duas províncias, ver talvez a Galiza estendida até ao Douro...

– *Poulet aux champignons* – murmurou o criado, apresentando-lhe a travessa.

E enquanto ele se servia, perguntavam-lhe dos lados onde via ele a salvação do país nessa catástrofe

que tornaria povoação espanhola Celorico de Basto, a nobre Celorico, berço de heróis, berço dos Egas...

– Nisto: no ressuscitar do espírito público e do génio português!

Sovados, humilhados, arrasados, escalavradados, tínhamos de fazer um esforço desesperado para viver. E em que bela situação nos achávamos! Sem monarquia, sem essa caterva de políticos, sem esse tortulho da inscrição, porque tudo desaparecia, estávamos novos em folha, limpos, escarolados, como se nunca tivéssemos servido. E recomeçava-se uma história nova, um outro Portugal, um Portugal sério e inteligente, forte e decente, estudando, pensando, fazendo civilização como outrora... Meninos, nada regenera uma nação como uma medonha tarefa... Oh! Deus de Ourique, manda-nos o castelhano! E você, Cohen, passe-me o St. Emilion.

Agora, num rumor animado, discutia-se a invasão. Ah, podia-se fazer uma bela resistência! Cohen afiançava o dinheiro. Armas, artilharia, iam comprar-se à América – e Craft ofereceu logo a sua coleção de espadas do século XVI. Mas generais? Alugavam-se. Mac-Mahon, por exemplo, devia estar barato...

– O Craft e eu organizamos uma guerrilha – gritou o Ega.

– Às ordens, meu coronel!

– O Alencar – continuava Ega – é encarregado de ir despertar pela província o patriotismo, com cantos e com odes!

Então o poeta, pousando o cálice, teve um movimento de leão que sacode a juba:

– Isto é uma velha carcaça, meu rapaz, mas não está só para odes! Ainda se agarra uma espingarda, e como a pontaria é boa, ainda vão a terra um par de galegos... Caramba, rapazes, só a ideia dessas coisas me põe o coração negro! E como vocês podem falar nisso, a rir, quando se trata do país, desta terra onde nascemos, que diabo! Talvez seja má, de acordo, mas, caramba, é a única que temos, não temos outra! É aqui que vivemos, é aqui que

rebetamos... Irra! falemos de outra coisa, falemos de mulheres!

Dera um repelão ao prato, os olhos humedeciam-se-lhe de paixão patriótica... E no silêncio que se fez, Dâmaso, que desde as informações sobre a rapariga do Ermidinha emudecera, ocupado a observar Carlos com religião, ergueu a voz pausadamente, disse, com ar de bom senso e de finura:

– Se as coisas chegassem a esse ponto, se se pusessem assim feias, eu cá, à cautela, ia-me raspando para Paris...

Ega triunfou, pulou de gosto na cadeira. Eis ali, no lábio sintético de Dâmaso, o grito espontâneo e genuíno do brio português! Raspar-se, pizar-se!... Era assim que de alto a baixo pensava a sociedade de Lisboa, a malta constitucional, desde el-rei nosso senhor até aos cretinos de secretaria!...

In Capítulo VI 

Contexto

Através desta conversa durante o jantar no hotel Central, representam-se ficcionalmente os dados do contexto histórico: a crítica situação socioeconómica do país; a falta de competência de quem tinha o poder; a falta de honestidade intelectual de quem o criticava; a falta de consciência nacional.

Relação com outros textos

Esta discussão dos problemas do país está também presente em *Viagens na Minha Terra*: neste livro de Garrett, é, na voz do narrador, que a situação sociopolítica é criticada.

«Se excetuarmos o débil clamor da imprensa liberal já meio enganada da polícia, não se ouve no vasto silêncio deste ermo senão a voz dos barões gritando contos de réis.

Dez contos de réis por um eleitor!

Mais duzentos contos pelo tabaco!

Três mil contos para a conversão de um anfiguri³!
Cinco mil contos para as estradas dos aeronautas!
Seis mil contos para isto, dez mil contos para aquilo! Não tardam a contar por centenas de milhares. Contar a eles não lhes custa nada. A quem custa é a quem paga para todos esses balões de papel – a terra e a indústria...»

Educação literária – as questões

1. Indique o espaço social representado neste texto.

1.1 Identifique o setor da sociedade que cada uma das personagens representa.

2. Neste texto, está presente a crítica de costumes.

2.1 Através de referências ao texto, justifique a afirmação anterior; explicita-a.

2.2 Indique os recursos expressivos que dão vivacidade e acutilância à crítica.

3. Refira-se à presença de reprodução do discurso no discurso, explicitando o modo utilizado.

Educação literária – as respostas

1. Este texto é um excerto do grande quadro do jantar do hotel Central. Nele, está representada a alta burguesia lisboeta com poder económico e social e outros setores com opinião acerca do estado do país.

Através da conversa que vai decorrendo durante o jantar, fica patente a inconsistência das posições intervenientes na situação do país.

1.1 As personagens que animadamente conversam à roda da mesa representam setores componentes da sociedade:

³ Anfiguri = texto de sentido obscuro, muito difícil de compreender.

- Cohen representa a banca, a finança;
- Alencar representa as velhas posições dos escritores românticos com o seu sentimentalismo e idealismo patriótico, ainda subsistentes e resistentes na sociedade portuguesa;
- Ega representa a intelectualidade juvenil e radical, muito crítica e demolidora, mas simultaneamente muito diletante: muitas palavras; poucas ações;
- Craft representa o ponto de vista estrangeiro, distanciado;
- Dâmaso representa a burguesia individualista e cobarde, totalmente desprovida de consciência nacional.

2.1 A crítica de costumes presente neste texto atinge os seguintes alvos:

- a incompetência, a hipocrisia e a falta de verdadeira consciência dos problemas nacionais e de coragem para os enfrentar e tentar resolver, por parte daqueles a quem tal deveria competir;
- a primazia da diversão e da satisfação dos prazeres pessoais, em vez do empenhamento responsável na análise e estudo dos meios para reformar e fazer progredir o país, por parte de quem tem essa responsabilidade, quer por ocupar lugares de poder, quer por se dizer detentor de pensamento crítico sobre o assunto.

2.2 O recurso expressivo que principalmente contribui para a acutilância e vivacidade da crítica é a ironia. Ela está presente ao longo do texto. Poderemos fixar-nos nos seguintes momentos:

- «E enquanto ele se servia, perguntavam-lhe dos lados onde via ele a salvação do país nessa catástrofe que tornaria povoação espanhola Celorico de Basto, a nobre Celorico, berço de heróis, berço dos Egas...»;

- «Meninos, nada regenera uma nação como uma medonha tarefa... Oh! Deus de Ourique, manda-nos o castelhano! E você, Cohen, passe-me o St. Emilion.»;
- «Mas generais? Alugavam-se. Mac-Mahon, por exemplo, devia estar barato...»;
- «Eis ali, no lábio sintético de Dâmaso, o grito espontâneo e genuíno do brio português! Raspar-se, pizar-se!... Era assim que de alto a baixo pensava a sociedade de Lisboa, a malta constitucional, desde el-rei nosso senhor até aos cretinos de secretaria!...»

Alguns exemplos de outros recursos expressivos:

- comparação: «como a prata de família aos morgados arruinados, para ir empenhando em casos de crise»;
- uso expressivo do adjetivo: «levamos uma sova tremenda, pagamos uma grossa indemnização»; «Sovados, humilhados, arrasados, escalavrados»;
- uso expressivo do advérbio: «cofiava sombriamente o bigode»;
- metáfora: «sem esse tortulho da ‘inscrição’»;
- sinestesia: «me põe o coração negro».

3. Neste texto predomina o diálogo, uma vez que se trata de uma conversa à volta da mesa do jantar.

Por vezes, todavia, as falas das personagens são introduzidas através do discurso indireto livre, ou seja, a introdução do registo e do tom próprios da personagem no decorrer do discurso narrativo sem apresentar marcas gráficas e morfossintáticas próprias do discurso direto.

Exemplo:

«Não havia perigo; o que nos aconteceria, dada uma invasão, num momento de guerra europeia, seria levamos uma sova...».



ESPAÇOS E SEU VALOR SIMBÓLICO E EMOTIVO

Textos

A

[...] e o Ramalhete possuía apenas, ao fundo de um terraço de tijolo, um **pobre quintal inculto**, abandonado às **ervas bravas**, com um cipreste, um cedro, uma cascatazinha seca, um tanque **entuhlado**, e uma estátua de mármore (onde Monsenhor reconheceu logo Vénus Citereia) **enegrecendo** a um canto na **lenta humidade** das ramagens silvestres.

In Capítulo I

B

Não era decerto o jardim de Santa Olávia: mas tinha o ar **simpático**, com os seus girassóis **perfilados** ao pé dos degraus do terraço, o cipreste e o cedro envelhecendo juntos **como dois amigos** tristes, e a Vénus Citereia parecendo agora, no seu **tom claro de estátua de parque**, ter chegado de **Versalhes**, do fundo do Grande Século... E desde que a água abundava, a cascatazinha era **deliciosa**, dentro do nicho de conchas, com os seus três pedregulhos arranjados em despenhadeiro **bucólico**, melancolizando aquele fundo de quintal **soalheiro** com um pranto de **náiade doméstica**, esfiado gota a gota na bacia de mármore.

In Capítulo I

C

Em baixo o jardim, bem areado, limpo e **frio** na sua **nudez de inverno**, tinha a melancolia de um **retiro esquecido**, que já ninguém ama: uma **ferrugem verde**, de **humidade**, cobria **os grossos membros** da Vénus Citereia; o cipreste e o cedro envelheciam juntos, como dois amigos **num ermo**; e mais lento corria o **prantozinho** da cascata, esfiado **saudosamente**, gota a gota, na bacia de mármore.

In Capítulo XVIII

Contexto

Casas senhoriais, como o Ramalhete que Eça cria literariamente para habitação da família Maia, durante o tempo dourado de Carlos em Lisboa, integram-se no contexto citadino do século XIX. Visitar o bairro das Janelas Verdes, onde Eça o situa, é, ainda hoje e através de edifícios remanescentes, reviver essa realidade urbana oitocentista que o romance nos dá a conhecer.

Relação com outros textos

Não é raro encontrarmos na literatura, nomeadamente em romances, descrições de casas. Lembremos, por exemplo, a famosa Casa do Vale de Santarém, presente em *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett:

«Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meio aberta de uma habitação antiga mas não dilapidada – com certo ar de conforto grosseiro, e carregada na cor pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janela é larga e baixa; parece-me mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício que todavia mal se vê... Interessou-me aquela janela. Quem terá o bom gosto e a fortuna de morar ali?»

Frequentemente, nas obras literárias, é atribuído, ao espaço, um valor simbólico e emotivo. Lembremos, por exemplo, o espaço do segundo ato de *Frei Luís de Sousa*, a casa em que D. Madalena vivera com seu primeiro marido. Trata-se, de facto, de um espaço carregado de sinais ameaçadores do regresso de D. João de Portugal e que angustia extremamente a personagem de Madalena.